

UCRÂNIA: CRÓNICA DE UMA CRISE ANUNCIADA

UKRAINE:
CHRONICLE OF A PREDICTED CRISIS

Carlos Santos Pereira

Mestre em História Contemporânea - séc. XX
Universidade Nova de Lisboa
Investigador associado do CISDI
Ourém, Portugal
carlossantospereira.50@gmail.com

UCRÂNIA: CRÓNICA DE UMA CRISE ANUNCIADA

Resumo

Um ano depois da rebelião da *Maidan*, a Ucrânia está dividida e em guerra, o confronto entre as forças de Kiev e os separatistas pró-russos do Leste fez já mais de 4300 mortos, o futuro do país é uma incógnita. A crise ucraniana gerou a mais grave crise de sempre nas relações entre a Rússia e o Ocidente desde o colapso da URSS, em 1991 e a “guerra fria” assoma de novo nas primeiras páginas e nos discursos dos políticos.

Nove anos depois da Revolução Laranja de 2004, a Ucrânia torna-se de novo o ponto mais crítico na disputa entre uma NATO em expansão a Leste e aos esforços de Moscovo para reafirmar a sua esfera de influência no espaço da defunta URSS.

O acordo de associação entre a Ucrânia e a União Europeia, que esteve no centro do levantamento da Praça da Independência, foi finalmente assinado no início de setembro, mas a preço de importantes concessões à Rússia que adiam pelo menos por um ano a entrada em vigor das cláusulas comerciais do acordo.

Com o conflito no leste da Ucrânia suspenso de um cessar-fogo incerto, multiplicam-se alertas para o risco de o confronto entre a Rússia e o Ocidente se estender à Moldávia e à Geórgia, dois candidatos à NATO e a braços com regiões separatistas apoiadas por Moscovo.

Palavras-chave: Crise, Guerra, Identidade, Construção da Nação, Confronto Rússia-Ocidente, Expansão da NATO a Leste.

Como citar este artigo: Pereira, C., 2014. Ucrânia: Crónica de Uma Crise Anunciada. *Revista de Ciências Militares*, novembro de 2014 II (2), pp. 337-359.
Disponível em: <http://www.iesm.pt/cisdi/index.php/publicacoes/revista-de-ciencias-militares/edicoes>

Abstract

One year after the outbreak of Maidan uprising Ukraine is divided and at war, fighting between Kiev forces and pro-Russian rebels in the eastern Ukrainian regions left over 4300 dead, the country's future is unknown. The ukrainian turmoil prompted the most serious crisis between Russia and the West since the collapse of former USSR in 1991, and the "cold war" is back in the media front page news and politicians speeches.

Nine years after Orange Revolution Ukraine becomes again the most critical flashpoint in the struggle between NATO Eastern expansion and Moscow's efforts to rebuild Russian influence in the space of former Soviet Union.

The association agreement with European Union, that was at the center of the Independence Square rebellion, was at last ratified in early September but at the price of important concessions to Russia delaying at least for one year key provisions on free trade.

While conflict in Eastern Ukraine is hanging on a fragile ceasefire recent signs are arising that competition between Russia and the West could eventually shift to Moldova and Georgia, two NATO membership candidates with separatist regions controlled by pro-Russian rebels.

Keywords: Crisis, War, Identity, Nation building, Russia-West confrontation, NATO Eastern Expansion.

Introdução

A praça central de Kiev transformada em trincheira da revolução, a festa, o medo e o sangue a tomarem conta das ruas, o nervosismo crescente em Moscovo e nas capitais do Ocidente...

A praça central de Kiev transformada em trincheira da revolução, a festa, o medo e o sangue a tomarem conta das ruas, o nervosismo crescente em Moscovo e nas capitais do Ocidente...

As imagens da *Maidan Nezhleznosti*, a Praça da Independência, naqueles dias de novembro e dezembro de 2013 evocavam jornadas épicas da História recente da Ucrânia. A marcha dos estudantes que precipitara a independência ucraniana, 23 anos antes. A "Revolução Laranja" de 2004 que arrancaria das mãos de Viktor Ianukovitch o poder usurpado em eleições viciadas...

A insurreição contra o regime de Ianukovitch, regressado entretanto ao poder nas eleições de 2010, em breve mergulharia a Ucrânia na violência e mobilizava as atenções do mundo assumindo proporções de uma crise internacional.

Um ano depois, a Ucrânia está dividida e em guerra, o confronto entre as forças de Kiev e os separatistas do Leste fez já mais de 4300 mortos e perto de um milhão de deslocados, o futuro do país é uma incógnita. A crise ucraniana gerou a mais grave crise de sempre nas relações entre a Rússia e o Ocidente desde o colapso da URSS, em 1991 e a "guerra fria" assoma de novo nas primeiras páginas dos jornais e nos discursos políticos.

Analisar o conflito ucraniano representa ainda um desafio. As motivações, os cálculos e objetivos reais dos protagonistas estão em grande medida por esclarecer, o papel real dos países e das entidades internacionais que se envolveram na crise e as manobras nos bastidores de muitos dos momentos cruciais do drama ucraniano estão ainda rodeados de mistério. Trata-se ademais de acontecimentos ainda em plena evolução e pendentes de numerosa incógnitas, e os efeitos da crise são ainda difíceis de avaliar em todas as suas implicações.

Este breve estudo propõe-se ensaiar uma reconstituição dos acontecimentos do último ano na Ucrânia procurando colmatar muitas omissões dos media e silêncios dos atores políticos. E ao mesmo tempo analisá-los à luz de momentos cruciais da História ucraniana e das sucessivas convulsões políticas vividas pelo país desde a independência, em 1991, esperando, assim, contribuir para esclarecer as questões de fundo em jogo e avaliar os cálculos dos principais atores da crise.

A questão ucraniana esteve presente, declarada ou implicitamente, em todos os momentos críticos nas relações entre a Rússia e o Ocidente nas últimas duas décadas e meia, da expansão da NATO a Leste à “Revolução Laranja” de 2004, e há muito se adivinhava que era ali, nas disputadas margens do Dniepre, que o confronto se tornaria inevitável.

Os dias da *Maidan*

Os protestos tinham desta feita uma causa precisa. A braços com uma dívida enorme e com uma classe política desacreditada e minada pela corrupção, a Ucrânia carece de assistência urgente. A União Europeia oferece um acordo comercial e exige em troca duras medidas de austeridade. A Rússia quer que Kiev dê o “Sim” a um espaço económico comum e promete assumir parte da dívida ucraniana e descontos generosos no gás natural que fornece ao país. Viktor Ianukovitch hesita. Até que finalmente a 21 de novembro, em vésperas da data aprazada para a assinatura do acordo europeu, anuncia uma decisão: a associação à Europa terá que esperar melhores dias.

Para muitos ucranianos é o virar de costas à Europa, uma traição, a gota de água que faz entornar o copo. Pouco depois, populares começam a concentrar-se na Praça da Independência. Estudantes, artistas, intelectuais, figuras públicas, ativistas da sociedade civil, a classe média em revolta contra o sistema.¹ A multidão engrossa rapidamente. Três dias depois são dezenas de milhares.

Líderes da oposição assumem rapidamente a cabeça dos protestos, figuras da “Revolução Laranja” como Vitali Klitschko, antigo campeão mundial de pesados, líder do UDAR (Aliança Democrática para as Reformas), Arsenii Iatseniuk, líder parlamentar do Pátria, o segundo maior partido e Oleh Tiahnibok, do *Svoboda* (ultra-direita nacionalista). Juntam-se-lhes ativistas de movimentos radicais como o *Bratstvo* (Irmandade) e o *Pravy Sektor* (Setor de Direita). As reivindicações endurecem. Exige-se a queda do presidente Viktor Ianukovitch. Clama-se pela libertação de Iulia Timochenko, heroína da Revolução Laranja, detida desde 2011 por corrupção.

¹ ICG (2014) Ukraine: Running out of Time Europe Report N° 23, 14 de Maio de 2014.

Na madrugada de 30 de novembro uma carga policial faz dezenas de feridos. É um ponto de viragem. As imagens televisivas aumentaram a cólera dos ucranianos. A 1 e a 8 de dezembro concentram-se na *Maidan* 150 a 300 mil pessoas.

Os protestos assumem proporções de insurreição. *Maidan* transforma-se em trincheira defendida em permanência por milhares de manifestantes face ao cerco da *Berkut*, a temida polícia de choque. O município de Kiev é tomado de assalto. Multiplicam-se os confrontos. Jovens militantes radicais organizam patrulhas e turnos de segurança nas barricadas da *Maidan*. A 31 de janeiro registam-se os primeiros mortos. Seguem-se semanas de grande tensão, entre assaltos noturnos da polícia repelidos pelos manifestantes, tréguas fugazes e inconstantes tentativas de negociação.

A 18 de fevereiro eclodem violentos confrontos. A Praça da Independência transforma-se um campo de batalha. Oitenta e oito mortos em 48 horas. Líderes dos protestos acusam unidades da polícia sob as ordens diretas do antigo presidente. Há um coro de indignação e de condenações de todo o Mundo.

Negociações de urgência mediadas pelos Ministros dos Negócios Estrangeiros da França, Alemanha e Polónia e pela Alta Representante da UE e apoiadas por Moscovo e Washington conseguem um acordo entre o regime e a oposição. É anunciada uma reforma constitucional e convocadas eleições presidenciais.² A ordem parece por um momento restabelecida.

Subitamente a violência rebenta de novo. Grupos radicais atacam a polícia (*Guardian*, 5 de março de 2014). Na madrugada seguinte Viktor Ianukovitch desaparece. Ouvem-se “Hurras!” em *Maidan*. Os centros do poder são tomados pelos manifestantes. A 22 de fevereiro o Parlamento de Kiev depõe o presidente em fuga. Iulia Timochenko é libertada e dirige-se aos manifestantes na *Maidan*. Moscovo denuncia o *putsch* e dá sinais de irritação, Estados Unidos e Europa não têm qualquer reação em defesa do acordo que tinham apadrinhado.

A 27 de fevereiro um novo Governo é aclamado pela multidão. Arseni Iatseniuk é o novo primeiro-ministro. Oleksander Turhinov assume a presidência interina. O *Svoboda* tem cinco postos ministeriais. O líder do *Pravy Sektor* é nomeado vice-chefe da segurança nacional.

A identidade ucraniana

A crise da Ucrânia remete em última análise para um processo de afirmação de uma identidade e de um espaço político coerente num terreno de grande complexidade étnica, cultural e religiosa.³

As convulsões ucranianas remontam a meados do século XIII quando as invasões tártaras destruíram a *Rus* de Kiev, que reuniu a partir do século sec. IX as tribos eslavas orientais, empurrando mais para Norte o que restava dos principados eslavos.

O espaço que conhecemos hoje como Ucrânia (*Okraina* significa fronteira) tornou-se desde então uma zona de fronteira e de disputa. Parcialmente dominado por lituanos e os

² Os poderes do presidente tinham sido reforçados por Viktor Ianukovitch numa reforma constitucional de 2006 – uma medida desde sempre contestada pela oposição que exigia o regresso à Constituição de 2004.

³ Ver, de Eve Conant, “How History, Geography Help Explain Ukraine’s Political Crisis”, *National Geographic* 29 de Janeiro de 2014. (<http://news.nationalgeographic.com/news/2014/01/140129-protests-ukraine-russia-geography-history/>).

polacos, entre os séculos XIV e XVI, conquistado pelos cossacos, no século XVII a maior parte do espaço ucraniano seria depois integrado no emergente império russo. A região a oeste do Dniepre manteve-se na posse dos polacos, sendo depois, com a segunda partilha da Polónia, no final do século XVIII, dividida entre a Rússia e a Áustria.⁴ Uma das heranças dessas convulsões é a clivagem cultural e política entre um oeste católico e orientado para o Ocidente e um leste que responde a Moscovo, que marcará doravante toda a História política ucraniana.

A ideia de uma identidade ucraniana afirma-se ao longo do século XIX e início do século XX, ao sabor do fervilhar de paixões nacionalistas que percorre a Europa dos impérios. O romantismo redescobre a língua, a cultura e o folclore ucranianos. Os historiadores (Volodimir Antonovych, Myhailo Hrushevski) entram em liça e procuram afirmar a especificidade e a continuidade de uma história ucraniana, combatendo a perspectiva de Moscovo que vê na Rus de Kiev o berço da sua história e da sua civilização.⁵

O conceito de uma Ucrânia como entidade política autónoma surge pela primeira vez no início do século XX.⁶ A revolução de 1917, a guerra civil e o caos instalado com o colapso do império e a tomada do poder pelos bolcheviques que se seguiu, empurrou os ucranianos, como outros povos do império, para a construção de um Estado próprio. Em 1917 é constituída a República Popular da Ucrânia. As elites não estavam porém preparadas nem havia uma base popular ou uma cidadania apostada em defender o seu Estado (Motyl, 1997). A Ucrânia mergulha no caos político e social entre numa miríade de partidos, e exércitos em luta pelo poder, rebeliões camponesas e a fome. Os bolcheviques acabaram por se impor e restabelecer o controlo central.

O domínio soviético teve efeitos devastadores para os ucranianos: enormes perdas populacionais nas grandes fomes de 1932-33, milhões de mortos, exilados ou presos durante o terror estalinista nos anos 30 e 40 e na II Guerra, o dizimar das elites e da *intelligenstia* nas décadas seguintes.

Nas regiões ocidentais da Galícia e da Volínia o ataque de Hitler à URSS em 1941 é encarado como uma oportunidade pelas alas mais radicais de movimentos como a Organização dos Nacionalistas Ucranianos, a OUN-B de Stepan Bandera que combateu ao lado dos alemães e se entregou a campanhas de limpeza étnica – um período que deixou profundos ressentimentos e que continua hoje a dividir os ucranianos.

Definitivamente integrada na URSS no final da guerra, a Ucrânia veria o seu desenvolvimento político, económico e cultural condicionado pelas estruturas totalitárias e

⁴ A disputa entre polacos e russos pela Ucrânia passou também por uma intensa batalha cultural e religiosa. O domínio polaco nos séculos XVII e XVIII impôs a obediência católica a uma população antes ortodoxa (União de Brest, 1596).

⁵ Ver, de Charles Emmerson “Ukraine and Russia’s History Wars”, *History Today*, 8 de Outubro de 2014. (<http://www.historytoday.com/blog/2014/03/ukraine-and-russia%E2%80%99s-history-wars>). A rebelião dos cossacos do final do sec. XVI é reabilitada como a afirmação de uma continuidade da História ucraniana. Os cossacos defenderam a sua autonomia contra turcos, tártaros e depois polacos e russos. A rebelião culminou com a campanha do hetman Bohdan Khmelnytsky que em 1648 chegou a estabelecer um Estado independente até se entregar à protecção do tsar em 1654.

⁶ Figes, Orlando (2013), “Is There One Ukraine? The Problem With Ukrainian Nationalism”, 16 de Dezembro de 2013 (<http://www.foreignaffairs.com/articles/140560/orlando-figes/is-there-one-ukraine>).

pelo controlo de Moscovo e por vagas de repressão como a que nos anos 1960 esmagou o movimento dissidente ucraniano.

O período soviético é ao mesmo tempo marcado pelo desenvolvimento, pela industrialização, urbanização num espaço antes fundamentalmente rural, pela emergência de uma classe política ucraniana e de uma estrutura burocrática e administrativa. A criação de um espaço territorialmente delimitado e simbolicamente soberano chamado a República Socialista Soviética da Ucrânia teria um papel crucial na afirmação futura de um Estado ucraniano.

Da independência à “Revolução Laranja”

“No século XX os nacionalistas ucranianos tentaram duas vezes fazer o seu próprio Estado: em 1917-1921 e em 1941-45” – recorda Alexander Motyl (1997). “Vão finalmente conseguir o seu objetivo à terceira”, em 1989-91 “fundamentalmente porque desta feita as condições externas eram as certas”. Mais do que conquistada, “a independência foi oferecida aos nacionalistas ucranianos”.

O processo é em grande medida um produto da perestroika e do desmantelamento do sistema soviético.⁷ O *Rukh* (Movimento Popular para a Reestruturação), movimento que terá papel fulcral na marcha para a independência, nasce a 8 de setembro de 1989, é concebido originalmente como clube de apoio à *perestroika*.⁸

Em março de 1990, a oposição conquista um terço dos novos lugares parlamentares nas eleições para o Soviete Supremo da República. A 16 de junho de 1990, o Parlamento ucraniano aprovou a declaração de soberania da Ucrânia. A iniciativa política estava já claramente nas mãos da oposição e o Partido Comunista está dividido e parte (os chamados “comunistas - soberanistas”) adere e procura mesmo liderar o processo.

Se na parte ocidental da Ucrânia as tendências nacionalistas se mantêm muito vivas, para a maior parte dos ucranianos são fundamentalmente razões de ordem socioeconómica o motor da independência. Na altura 45 a 50 por cento dos 11 milhões de russos da Ucrânia são favoráveis à independência. (*Ibidem*)

O golpe de 21 de agosto em Moscovo veio precipitar tudo. A 24, o Parlamento de Kiev aprova uma declaração de independência. Três meses depois, o referendo de 1 de dezembro, consoma o ato final no drama da independência ucraniana. Com uma votação de 84 por cento, a proposta recebeu apoio em todo o país, mesmo nos *oblast* (distritos) fortemente russificados do Leste.

Era o consumir de um sonho ainda há pouco impensável para a maioria dos ucranianos. “Séculos de pequeno-russismo enfraqueceram a consciência que a nação tem dela mesma. No referendo de 1991, ela votou menos pela Ucrânia do que contra Moscovo” (Pliouchtch, 1993).

⁷ O acidente de Chernobil, em maio de 1986, teve também um peso grande ao alertar muitos ucranianos para a devastação ambiental da Ucrânia e para os custos do domínio de Moscovo.

⁸ Em janeiro de 1990, por ocasião do aniversário da República Popular da Ucrânia, o *Rukh* promoveu o primeiro grande ato público ma réplica da cadeia humana báltica de agosto de 1989.

A independência colocava um enorme desafio à Ucrânia. A consolidação de um quadro institucional e político coerente, o amadurecimento de uma sociedade civil, as reformas econômicas e a afirmação da Ucrânia independente no concerto das nações, avança nos anos seguintes (1992-93) sob as lideranças de Kravtchuk e, a partir de 1994, de Leonid Kutchma.⁹

Inicia-se um delicado processo de normalização das relações com a Rússia – partilha da frota do Mar Negro, insistência no reconhecimento por Moscovo da soberania e integridade territorial da Ucrânia e resistência prudente aos esquemas reintegracionistas liderados por Moscovo.

Em janeiro 1994, Kravtchuk, Boris Ieltsin e Bill Clinton assinaram o *memorandum* de Budapeste: a Ucrânia abdica do seu armamento nuclear em troca das promessas dos três países de respeitar a soberania e integridade da Ucrânia e de compensações financeiras aos ucranianos.

As presidenciais de 2004 mergulham a Ucrânia numa grave crise. A vitória de Viktor Ianukovitch, o candidato do regime, sobre o líder da oposição, Viktor Iuchtchenko, é contestada nas ruas, a Ucrânia entra em ebulição. A “Revolução Laranja” divide o país. O Leste ameaça com a secessão se os resultados das presidenciais fossem anulados. Por um momento a Ucrânia parece à beira de guerra civil.

A crise provoca um braço de ferro entre a Rússia e o Ocidente. Várias ONG ocidentais assumem um papel importante na rebelião contra Ianukovitch.¹⁰ Moscovo denuncia a mão da CIA e outras agências de intelligence ocidentais na crise e Putin acusa o Ocidente de querer “isolar a Rússia”.¹¹

A mediação europeia desbloqueia um acordo em Kiev. O Supremo Tribunal declarou eleição nula e convocou nova para 26 de dezembro. Iuchtchenko, um adepto da aproximação ao Ocidente e à NATO, ganhou com 52 por cento dos votos e escolhe Timochenko para chefiar o Executivo.

A euforia da “Revolução Laranja” em breve dará lugar ao desencanto. As desavenças entre o presidente Iuchtchenko e a primeira-ministra Iulia Timochenko levam à rutura da coligação governamental e à convocação de presidenciais antecipadas para o final de 2009. As relações com o vizinho russo estão uma vez mais no centro da crise. Nas presidenciais Iuchtchenko sofre uma pesada derrota e Viktor Ianukovitch bate Timochenko na segunda volta em fevereiro de 2010.¹²

É uma nova viragem de “180 graus” na política ucraniana. O regime Ianukovitch congelou a política de aproximação ao Ocidente, reforçou os laços com Moscovo e prolongou o arrendamento da base de Sebastopol até 2042.

⁹ Kravtchuk preparou a independência no plano internacional através de uma série de contactos internacionais. Em outubro de 1990 a Ucrânia concluiu um acordo com a Polónia reconhecendo fronteiras e visitas com a Alemanha, os EUA, a França, a Polónia e outros países ocidentais ao longo de 1990.

¹⁰ O Governo russo acusaria mais tarde o Departamento de Estado norte-americano e as NGO de fomentarem as manifestações anti-Kremlin de 2011 e 2012 e aprovou depois leis estritas limitando ou proibindo mesmo a atividade de várias organizações acusando-as de serem “agentes estrangeiros”.

¹¹ Moscovo denunciou a alegada “mão” do Ocidente nas “revoluções coloridas” que levaram ao poder lideranças pró-ocidentais na Geórgia e no Quirguistão (para além da Ucrânia) entre 2003 e 2005.

¹² Os resultados dão sinal claro da divisão regional do país. Ianukovitch ganha (49 por cento contra 45 para Timochenko) graças aos votos no Leste da Ucrânia.

Jogo de sombras

A crise da *Maidan* assume rapidamente uma dimensão internacional. Catherine Ashton, a subsecretária de Estado Victoria Nuland, deputados europeus e congressistas americanos surgem em Kiev a incentivar a contestação. A 15 de dezembro o senador John McCain, encoraja os manifestantes ao lado de Oleh Tiahnibok.

No início de fevereiro vem a lume o famoso “*Fuck the EU*” de Victoria Nuland.¹³ Numa conversa telefónica com o embaixador americano em Kiev, Geoffrey Pyatt a subsecretária de Estado desvaloriza sem cerimónias os esforços europeus e aconselha o diplomata a montar rapidamente uma coligação antes que Moscovo reaja. Defende a aposta em Arseni Iatseniuk em detrimento de Klitchko. O Governo saído da rebelião da Maidan corresponde no fundamental ao perfil traçado por Victoria Nuland.¹⁴

Celebrada pelos media ocidentais como uma genuína revolta popular contra um regime opressor e em prol do anseio europeu, a rebelião da Maidan é um processo complexo. Testemunhos diversos observaram que as manifestações da Praça da Independência estavam desde o início claramente bem preparadas (Friedman, 2013). A contestação ao regime é desde logo liderada por um “núcleo duro” bem identificado politicamente, envolvendo figuras da era Timochenko, nacionalistas radicais e grupos para - militares de extrema-direita.¹⁵

É a cólera perante a corrupção, a desigualdade e a pobreza e a brutalidade da polícia que arrasta muitos ucranianos para a contestação ao regime. É “no coração uma revolta tanto contra o Governo como contra a oposição” (ICG, 2014). Nada permite porém concluir que os chefes da oposição e em particular os nacionalistas radicais que assumem a liderança da Maidan representem de facto o sentir e os anseios da população.

Aclamado o Governo de Iatseniuk as prometidas reformas políticas e constitucionais seriam rapidamente esquecidas. Maidan resultou num Governo “fortemente influenciado por políticos que têm um longo percurso de serviços em administrações anteriores e largamente desacreditadas” (ICG, 2014).

O papel da extrema-direita nacionalista na rebelião de Maidan e em geral na cena política ucraniana é tema de acesa polémica.¹⁶ Com matizes diversos estes grupos têm em comum a herança, assumida mais ou menos abertamente, das tendências nacionalistas agrupadas na Ucrânia Ocidental e com raízes na II Guerra, bem como a ideia de uma Ucrânia etnicamente purificada e o antissemitismo, mesmo se Tiahnibok e outras figuras do nacionalismo radical procuram agora moderar a sua imagem política.

¹³ “Transcript of leaked Nuland-Pyatt call”, BBC 7 de fevereiro de 2014. A transcrição da conversa apareceu no *You Tube* a 6/Fev. Tratou-se aparentemente de uma fuga orquestrada pelos serviços russos para embaraçar Washington e pôr a nu diferenças entre os EUA e a União Europeia..

¹⁴ Vitali Klitchko, tido como o “homem de mão” dos alemães acabou por desistir da corrida à presidência e em breve se apagaria virtualmente.

¹⁵ O “núcleo duro” de Maidan continuará activo e mobilizado nos meses seguintes. Os mais radicais reclamam uma “revolução nacional”, ameaçam com uma “guerra de guerrilha prolongada” assumem publicamente o objectivo da tomada do poder.

¹⁶ O *Svoboda* teve 10 por cento dos votos nas legislativas de 2010 (13 lugares no Parlamento) e tem forte presença no Governo Iatseniuk e o Setor de Direita anunciou a intenção de se transformar em partido e o seu líder, Dmitro Iaroch, candidata-se às presidenciais.

“A luta contra as pretensões imperiais de Moscovo leva ao autoritarismo e favorece o conservadorismo na Ucrânia” – advertia depois da independência o historiador Leonid Pliuchtch (1993). “À margem do nosso regime atual ela reforça a oposição extremista, populista e chauvinista, agrava a ameaça de guerra civil e novas formas de ditadura.”

O Svoboda e outros grupos radicais servem de instrumento de propaganda a Moscovo para denunciar o carácter “extremista” e as simpatias “pró-nazis” presentes no novo regime de Kiev, enquanto os *media* e os meios oficiais no Ocidente preferiram ignorar a questão.

A questão das mortes de 20 de fevereiro nunca foi esclarecido e os apelos a um inquérito internacional são rapidamente ignorados. A 5 de março vem a público nas redes sociais uma conversa telefónica que o Ministro dos Negócios Estrangeiros estónio, Urmas Paet, dá conta à Alta Representante Europeia de suspeitas de que os disparos que fizeram 20 mortos terão vindo, não da polícia mas de *snipers* do núcleo duro.¹⁷ Washington, as capitais europeias e a maioria dos *media* ocidentais mantêm silêncio sobre essa dimensão da crise ucraniana...

Da Crimeia a Donetsk

A 15 de dezembro, enquanto centenas de milhares enchem a *Maidan*, perto dali, no parque Marinski, manifestantes pró-governamentais protestam contra o projeto de associação com a UE, contra a concorrência europeia na indústria ucraniana e a ameaça do desemprego. Por um momento teme-se o pior...

A crise polariza já o país. “As tensões entre o Leste e o Ocidente estão profundamente enraizadas na identidade nacional Ucrânia” – alerta o historiador Orlando Figes. “Os ucranianos mais preocupados com o futuro do seu país fariam bem em reconhecer essa fragilidade inerente.”¹⁸

Em Lviv, epicentro do nacionalismo ucraniano, Ivano-Frankivsk, e Ujgorod e noutras cidades da Ucrânia Ocidental, manifestantes tomam de assalto edifícios dos governos regionais. Em Janeiro ouvem-se na Rada (Assembleia) de Lviv apelos à independência Ucrânia Ocidental.

Em Lviv, epicentro do nacionalismo ucraniano, Ivano-Frankivsk, Ujgorod e noutras cidades da Ucrânia Ocidental, manifestantes tomam de assalto edifícios dos governos regionais. Em janeiro ouvem-se na Rada (Assembleia) de Lviv apelos à independência Ucrânia Ocidental.

Os sinais de agitação entre as populações que se identificam como russas no Leste e em particular na Crimeia multiplicam-se a partir de fevereiro e acentuam-se em março.

A Crimeia é um caso muito particular. Sucessivamente absorvida pelas jurisdições otomana, russa e ucraniana, a península tem um lugar muito especial no imaginário russo desde que Catarina, a Grande, conquistou a península ao Império otomano no século

¹⁷ Um inquérito da ARD alemã ao caso dos diparos dos *snipers* vieram dos andares do hotel Ukraina ocupado pelos manifestantes e que as balas encontradas nos corpos dos polícias e dos manifestantes coincidiam.

¹⁸ Figes, op. cit.

XVIII¹⁹. Krutchov decidiu, em 1956, integrá-la na Ucrânia, mas a memória e a identidade russa mantiveram-se muito marcadas. A questão da Crimeia, em particular os diferendos sobre a frota do Mar Negro e o porto de Sebastopol, esteve presente em momentos críticos das relações russo-ucranianas.²⁰

A 27 e 28 de fevereiro, horas antes de Iatseniuk ser designado primeiro-ministro, grupos armados ocupam edifícios-chave em Simferopol e erguem a bandeira russa. Geram-se confrontos.

A 1 de março, o parlamento de Moscovo aprova o pedido do presidente Putin de usar a força na Ucrânia para “proteger a minoria étnica russa”. Três dias depois o presidente russo quebra o silêncio e vem a público protestar que se trata de “forças de autodefesa” e não de forças russas e acusar o Ocidente e “agentes estrangeiros” de estarem por detrás do caos na Ucrânia.

A 6, o Parlamento da Crimeia vota a união com a Rússia e convoca um referendo para o dia 16. As forças russas cercam as unidades militares ucranianas, controlam as vias de comunicação, bloqueiam as saídas dos portos e detêm o comandante da esquadra ucraniana, manietando rapidamente qualquer capacidade de reação das forças ucranianas.

Cresce o alarme internacional. O Governo de Kiev, Washington e Bruxelas acusam Moscovo de invadir a Ucrânia. Tiahnibok fala em “guerra” com a Rússia. Barack Obama exige a Putin o regresso das forças russas às suas bases e ameaça com sanções.

O referendo de 16 de março regista, segundo as autoridades da Crimeia uma participação de 83,1 por cento e 96,77 de “Sim”. Dois dias depois Vladimir Putin defende energeticamente a anexação da península numa intervenção perante o Parlamento russo com base em argumentos históricos, políticos e jurídicos e assina o decreto da integração da Crimeia na Federação Russa.

A rebelião da Crimeia contagia já outras regiões de forte população russa no Sul e Leste. Em Donetsk líderes separatistas propõem-se assumir o controlo das Forças Armadas e de segurança no distrito.

À questão nacional juntam-se razões de ordem social e económica. É para a Rússia que vai grande parte da produção da região e muitos temem a competição do Ocidente e receiam pelos seus pontos de trabalho.²¹ O novo Governo de Kiev não dá qualquer resposta a questões como o estatuto da língua russa, o medo do extremismo político e a corrupção,

¹⁹ ? Segundo o recenseamento de 2001 a população da Crimeia integra 58 por cento de russos. Nenhum dos oblast do sudeste da Ucrânia tem maioria russa, embora em Donetsk a maioria dos quatro milhões de habitantes fale russo. (? State Statistics Committee of Ukraine, <http://bit.ly/1iH54iF>).

²⁰ Em Janeiro de 1994, Iuri Miechkov ganha as presidenciais na Crimeia e propõe-se realizar um referendo sobre o estatuto do território. Chega-se a temer um confronto entre a Rússia e a Ucrânia, mas Moscovo demarca-se dos intuitos secessionistas de Miechkov evitando claramente desestabilizar a Ucrânia. Os acordos de Sotchi (reconhecimento das fronteiras da Ucrânia, partilha da frota do Mar Negro, arrendamento da base de Sebastopol à Rússia), a 1 de Junho de 1996, vêm finalmente acalmar os ânimos entre Moscovo e Kiev. Ver, de James Sheer, “Russia-Ukraine Rapprochement? The Black Sea Fleet Accords”, *Survival*, Outono de 1997.

²¹ Os separatistas acabarão por receber algum encorajamento de Moscovo. No discurso de 18 de março, Vladimir Putin fala das “terras historicamente russas” dadas pelos bolcheviques à Ucrânia depois da revolução de 1917 e refere-se à região com o termo carregado de memória de “Novorossia” (Nova Rússia).

oferecendo aos rebeldes a oportunidade de explorar os receios de muitos.²²

A situação resvala rapidamente para a violência. A 14 de março confrontos entre jovens pró-russos e nacionalistas ucranianos em Kharkiv fazem dois mortos.²³ O lado russo acusa os Patriotas da Ucrânia, um grupo de extrema-direita, os ucranianos dizem que é a Rússia que está a provocar deliberadamente os incidentes. Semanas depois confrontos em Odessa fazem 42 mortos. Os media oficiais russos dão largo destaque aos incidentes e o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Moscovo emite declarações em tom repetindo que a Rússia tem o direito de agir para proteger as populações russas.

A 7 de abril manifestantes pró-russos ocupam edifícios governamentais nas cidades de Donetsk, Luhansk e Kharkiv e em mais de uma dezena de cidades e vilas e apelam a um referendo sobre a independência. Quatro dias depois Iatseniuk oferece maior autonomia às regiões do Leste, mas o processo é já imparável.

No início de maio, numa aparente viragem na atitude de Moscovo, Vladimir Putin apela ao diálogo e ao adiamento do referendo. O apelo é ignorado.

Os separatistas reivindicam mais de 90 por cento de votos a favor no referendo de 11 de maio e dois dias depois proclamam a independência e reclamam a integração na Federação Russa. O Kremlin toma nota da elevada percentagem de “Sim” e diz esperar que os resultados do referendo serão implementados de forma “civilizada” mas não dá resposta ao pedido de integração dos separatistas.

Os cálculos de Putin

A realidade de uma Ucrânia independente sempre foi dura de engolir em Moscovo. Por razões de ordem estratégica, de segurança e económica e ainda por motivos emocionais e de identidade.²⁴ É assim, em última análise, em torno da Ucrânia que se vai travar o confronto entre o Ocidente e uma Rússia ressurgente, sobretudo a partir do início da expansão da NATO a Leste no final dos anos 1990. Há muito que se sabia que a Ucrânia representava uma “linha vermelha” para Moscovo.

O projetado acordo de associação com a UE que esteve no início da crise ucraniana surge no quadro da “Parceria Oriental”, uma iniciativa dirigida a seis antigas repúblicas soviéticas adotada pela UE em maio de 2009, meses depois do conflito da Geórgia e da opção de Kiev pela neutralidade (Guardian, 12 de dezembro de 2013).²⁵ A iniciativa europeia coincidia ao mesmo tempo com o lançamento da “União Eurasiática”, uma iniciativa de Moscovo destinada a reunir num espaço económico comum várias repúblicas da ex-

²² ICG, op. cit. Uma iniciativa legislativa do *Svoboda* e do *Batkivchtchina* de Iulia Timochenko propôs-se revogar uma lei de 2012 que conferir um estatuto especial à língua russa nas zonas do Sudeste., no que foi visto como mais uma prova do carácter ultranacionalista do novo regime de Kiev. Face aos protestos, o presidente Turhinov acabaria por recuar, mas o efeito junto das populações russas era já irreparável.

²³ Kharkiv, a segunda maior cidade do país (1.5 milhões) foi a capital da Ucrânia soviética entre 1917 e 1934.

²⁴ A Ucrânia tem um papel fundador nos planos de reconstrução da Rússia pós-soviética de Alexandre Soljenitsin num texto célebre “Reconstruir a Rússia” publicado a 18 de Setembro de 1990 nos jornais *Komsomolskaia Pravda* e *Literaturnaia Gazeta*.

²⁵ A Ucrânia, Moldova, Belarus, Arménia, Azerbaijão e Geórgia.

-URSS.²⁶ O acordo de associação proposto à Ucrânia excluía nas condições propostas por Bruxelas, qualquer acordo com a Rússia.

Ianukovitch procura ganhar tempo, manobrar num entre os dois tabuleiros e negociar o dote oferecido pelos dois lados e calar as vozes críticas em Kiev. Propõe, com o apoio de Moscovo, negociações a três entre a Ucrânia, a Rússia e a UE, mas a sugestão é despachada por Carl Bildt com um seco “mas o que é que há para falar?”

A Ucrânia vê-se assim apanhada no fogo cruzado da pressão ocidental, protagonizada pela NATO e agora pela União Europeia, e as alegadas ambições de Putin de reconstituir parte do espaço da antiga URSS e obrigada a uma escolha que Kiev tentou sempre evitar.

Durante muito tempo Moscovo mantém um intrigante em silêncio sobre a crise, enquanto o Ocidente se empenha abertamente na contestação a Ianukovitch (BBC, 12 de dezembro). Putin espera provavelmente que o Governo de Iatseniuk depare com forte resistência no país e acabe por se fraturar. Perdida a batalha para manter Kiev na esfera de influência russa, Putin aposta na tentativa de neutralizar a Ucrânia através de negociação política ou tentando minar a autoridade de Kiev com o apoio aos movimentos separatistas no Leste.

A questão da Crimeia vem alterar tudo. Depois da “Revolução Laranja”, Viktor Iuchtchenko anunciou que o acordo da base de Sebastopol (que expira em 2017) não seria renovado. Correm rumores em Moscovo sobre intenções da NATO quanto à Crimeia (Guardian, 10 de março de 2014).

Estão em jogo as vantagens estratégicas de que a Rússia dispõe na Crimeia.²⁷ Numa declaração de política externa, a 3 de julho, Putin disse que o Ocidente não dera à Rússia alternativa à anexação da Crimeia já que a NATO se preparava para mover rapidamente forças para Sebastopol e mudar radicalmente a balança de poder na região privando a Rússia “de tudo por que tinham lutado desde os tempos de Pedro, o Grande”.²⁸

O fantasma da NATO

O Ocidente reage fortemente aos acontecimentos na Crimeia e no Leste da Ucrânia. A 12 de março Barack Obama recebe Arsenii Iatseniuk na Casa Branca e garante-lhe que a América estará ao lado da Ucrânia. Nas capitais do Ocidente denuncia-se a ocupação da Crimeia como uma “usurpação” e exige-se a retirada das forças russas concentradas na fronteira com a Ucrânia.

A arma das sanções entra em liça. A 6 de março é cancelada a próxima cimeira do G8 em Sotchi e a Rússia é excluída do “clubes”. Dez dias depois os EUA e a União Europeia

²⁶ Trata-se da união alfandegária entre a Rússia, Belarus e o Cazaquistão criada em 2009 e transformada quatro anos depois em espaço económico único a que se juntaram a Arménia e o Quirguistão.

²⁷ O Kremlin recebe ainda um eventual efeito de contágio da aproximação da Ucrânia ao Ocidente sobre regiões da Rússia onde se registaram impulsos secessionistas ao longo dos anos 1990 (Tchetchénia Carélia, no Noroeste russo, região marítima do Pacífico). Vários analistas apontam já o enclave de Kalinegrado como cenário provável de uma crise social e política.

²⁸ A crise tem ao mesmo tempo um preço elevado para Moscovo. Ao anexar a Crimeia a Rússia enfraqueceu o bloco pró-russo em Kiev e perdeu um importante instrumento de influência na Ucrânia – e que foi por exemplo decisivo na curta vitória por um milhão de votos de Ianukovitch sobre Timochenko em 2010.

proíbem a entrada nos seus territórios e congelam os bens de vários responsáveis da Rússia em reação ao referendo na Crimeia e ameaçam Moscovo com novas sanções.

Os mais impacientes protestam que as sanções são meramente simbólicas. Mas a estratégia de conter a Rússia através de sanções revela desde logo problemas e divide os aliados por razões políticas e sobretudo económicas.²⁹ Há laços estreitos de ordem financeira em sectores como a energia em jogo, a Europa depende do gás russo.

A questão da NATO está uma vez mais presente. É o próprio secretário-geral da NATO, Anders Fogh Rasmussen, a assumi-lo ao declarar que o abortado pacto com a Ucrânia teria sido “um grande avanço para a segurança euro-atlântica” (Guardian, 29 de janeiro de 2014).

Em janeiro de 2008, na sequência da “Revolução Laranja”, o Governo Timochenko formalizou a candidatura da Ucrânia à NATO com o vivo apoio do presidente George W. Bush – uma iniciativa que deparou com resistências no país, sobretudo por parte de uma opinião pública maioritariamente hostil à integração.³⁰

A aproximação da Ucrânia à NATO foi travada pela guerra russo-georgiana da primavera de 2008 e a plataforma de não alinhamento adotada por Viktor Ianukovitch. A 3 de junho de 2010, o Parlamento de Kiev rejeitou o plano de integração na NATO.³¹ Mas a questão manteve-se como um fantasma...

A 1 de março, em vésperas do referendo na Crimeia, a Aliança Atlântica anuncia patrulhas aéreas regulares a partir de bases na Polónia e Roménia para monitorar a crise ucraniana. Um mês depois os Ministros dos Negócios Estrangeiros da NATO reunidos em Bruxelas suspendem a cooperação civil e militar com a Rússia.

A Polónia e os Estados do Báltico multiplicam alarmes quanto às intenções da Rússia e exercem forte pressão dentro da NATO. Numa visita à Polónia, antes de um encontro com líderes da NATO em Bruxelas para discutir a crise da Ucrânia, a 26 de março, Barack Obama reafirma “o nosso compromisso com a segurança dos nossos aliados na Europa Central e de Leste”.

A NATO anuncia o reforço dos níveis de prontidão das suas forças, a intensificação dos exercícios conjuntos e um plano de ação (o RAP - Readiness Action Plan) destinado a aumentar a rapidez de reação das forças da Aliança face a uma crise na Europa ou noutro ponto.

A “viragem” de Sloviansk

A 13 de abril o Governo de Kiev lança uma operação contra Sloviansk, um importante eixo rodoviário e ferroviário e primeiro grande bastião dos separatistas. A ofensiva

²⁹ A pressão para punir Moscovo vem sobretudo da Polónia, dos Estados do Báltico e da Suécia. A Espanha, a Itália, a Finlândia, a Grécia e Chipre manifestaram sempre reservas quanto à política de sanções à Rússia. A questão é particularmente delicada na Alemanha e a França e a Grã-Bretanha foram acusadas de alguma ambiguidade na questão.

³⁰ De acordo com várias sondagens independentes realizadas em anos recentes a maioria dos ucranianos rejeita uma adesão à NATO e cerca de 40% associam a Aliança Atlântica a uma “ameaça”.

³¹ Face às resistências no seio da própria Aliança (em particular da França e da Alemanha) a cimeira atlântica de Bucareste decidiu, a 3 de Abril de 2008, congelar os processos de adesão da Ucrânia e da Geórgia.

ucraniana em breve perde fôlego. As forças governamentais conquistam e abandonam sucessivamente vários pontos de controlo em torno de Sloviansk deixando pesadas baixas no terreno.

As Forças Armadas e as forças de segurança ucranianas foram completamente remodeladas por Ianukovitch e os adidos militares das embaixadas ocidentais em Kiev que aconselham o comando militar ucraniano suspeitam que as forças ucranianas estão infiltradas por agentes com simpatias pró-Moscovo (ICG, 2014). Muitos oficiais hesitam e parecem não saber exatamente a quem deviam obediência. O ministro da Defesa demite-se, oficiais destacados nas zonas críticas do Sudeste queixaram-se publicamente de não receberem orientações do governo central. Muitos acabaram por se passar para os rebeldes. Os Serviços de Segurança do Estado (SBU) queixam-se de falta de cooperação da polícia nas cidades do Leste. Face à concentração das tropas russas na fronteira, muitos optam por esperar para ver para que lado se inclina a “balança”.

A eleição de Petro Porochenko, um oligarca com um percurso político sinuoso, mas que aderiu desde o início a *Maidan*, a 25 de maio, veio colocar a crise ucraniana noutra plano.³² Prontamente aplaudida por Washington, a eleição do novo presidente, estabiliza a situação política e confere legitimidade às decisões do Governo de Iatseniuk.

Porochenko apresenta-se como um pragmático e propõe-se dialogar com Moscovo³³ Mostra-se porém implacável na questão do Leste e garante que a “operação anti-terrorista” não “deve nem pode durar dois ou três meses” mas sim “horas”. Dois dias depois o Exército ucraniano lança um assalto para desalojar os separatistas do estratégico aeroporto de Donetsk e inflige dezenas de baixas aos rebeldes.

As forças ucranianas são remodeladas. Milícias e batalhões de voluntários de veteranos de *Maidan* são a espinha dorsal da recém-constituída *Ukrainian National Guard* e cabe-lhes o fundamental do esforço de guerra ucraniano. Numa entrevista a uma cadeia de televisão russa a 26 de abril o chefe da diplomacia de Moscovo, Serguei Lavrov, observa que a remodelação e o novo vigor da ofensiva ucraniana surgem depois das visitas secretas a Kiev do diretor da CIA, John Brennan, e do vice-presidente Joe Biden e garante que a CIA está a operar em força na Ucrânia.³⁴

A situação militar altera-se rapidamente. A 13 de junho tropas de Kiev recuperam a cidade portuária de Mariupol numa ação conduzida pelo *Batalhão Azov*.³⁵ A 5 de junho os separatistas pró-russos abandonam Sloviansk e recuam para os redutos de Donetsk e Luhansk. É o primeiro grande bastião separatista a cair. Porochenko fala de um “ponto de viragem”.

³² Porochenko tem um percurso político que passa pela “Revolução Laranja”, pelo Governo de Iulia Timochenko (de que foi ministro dos Estrangeiros em 2009-2010) mas também pelo Partido das Regiões de Ianukovitch.

³³ O chefe da diplomacia russa Sergei Lavrov disse aos repórteres em Moscovo que Rússia estava ‘aberta ao diálogo’ com Porochenko e que não era necessária qualquer mediação americana ou europeia, advertindo Kiev de que prosseguir as acções contra os separatistas seria um “erro colossal”.

³⁴ Um relatório de finais de Março do Ministério da Defesa russa garante que tinham sido mortos 13 operacionais da CIA na área de Slaviansk e Lavrov disse numa entrevista data que tinham sido detectados na Ucrânia efectivos da companhia de mercenários *Greystone Ltd*.

³⁵ O *Batalhão Azov* é formado com base nos grupos nacionalistas mais radicais, da *Maidan* e a propaganda de Moscovo sublinha amplamente as referências neonazis que lhe são atribuídas, permite a Moscovo reforçar propaganda e fantasma do nazismo junto da população russa.

Ao mesmo tempo, multiplicam-se sinais de divisões entre os rebeldes. Nos *sites* separatistas surgem queixas de que Putin os abandonou e traiu.

Os separatistas, que de início foram um instrumento, tornam-se agora um problema para Moscovo.³⁶ A Rússia parece hesitar. De início Putin recusou-se a aceitar as eleições presidenciais ucranianas mas uma vez eleito Porochenko, fez saber que respeitaria a “expressão da vontade do povo ucraniano”. A 25 de junho, em pleno assalto a Sloviansk, o Parlamento russo cancela uma resolução parlamentar autorizando o uso de forças russas na Ucrânia.

Gorada uma tentativa de cessar-fogo no início de julho, Putin criticou a ação militar ucraniana mas deixou aberta a hipótese de um compromisso. Um cessar-fogo prolongado e “negociações substanciais” entre Kiev e os rebeldes ofereceriam a Moscovo um meio de pressão sobre Kiev, que permitiria manter os nacionalistas russos sob controlo e ao mesmo tempo marginalizar o papel dos Estados Unidos.

“Toque de despertar”

A 17 de julho, um avião da Malaysian Airlines cai em território rebelde perto da fronteira russa, há 298 mortos. Fala-se de imediato de um míssil SA-11 disparado pelos rebeldes e fornecido pela Rússia. O Governo de Kiev e os separatistas acusam-se mutuamente de serem os responsáveis pela tragédia e de dificultarem o acesso dos peritos internacionais aos destroços do *MH 17*.

O incidente desencadeia uma intensa batalha de propaganda. Nas redes sociais circulam gravações de conversas entre os rebeldes em que se reconhece o derrube do avião. Em Moscovo garante-se que o *MH 17*, o avião, fez uma misteriosa alteração de rota que o levou a sobrevoar a zona onde os rebeldes derrubaram vários aviões militares ucranianos nas semanas anteriores. Fala-se de baterias de mísseis antiaéreos *BUK M1 SAM* que o Exército ucraniano teria deslocado dias antes para a área. Especula-se que pelo menos um *SU 25* ucraniano teria acompanhado de perto o *MH 17* e que o cockpit do *MH 17* tinha marcas de projéteis disparados por um caça...

A polémica em breve perderia fôlego. Absorvido o choque inicial, nos meios oficiais faz-se intrigante silêncio sobre o assunto.³⁷ Os discursos dos políticos e as notícias dos media ocidentais evitam acusar formalmente a Rússia, mas o tom das notícias não deixa dúvidas: o *MH 17* foi abatido pelos separatistas com a cumplicidade de Moscovo. Uma jornalista russa descreveu o derrube do *MH 17* como um “*Lockerbie* russo” (*Spiegel*, 22 de julho).

É um ponto de viragem na crise ucraniana. Barack Obama diz que o acidente deve constituir um “toque de despertar” para a Europa sobre Putin. Washington aumenta a

³⁶ Nas perspectiva de vários analistas um dos objectivos da ofensiva passa por provocar a todo o custo uma intervenção russa, de modo a justificar um maior envolvimento da NATO, impor sanções mais duras a Moscovo e aumentar e aumentar os sentimentos anti-russos na Ucrânia.

³⁷ O relatório do OOV, o Conselho Holandês para a Segurança, encarregada do inquérito a queda do MH17 vem a público a 1 de Setembro mas pouco acrescenta, limitando-se a confirmar que o aparelho terá provavelmente sido abatido por um míssil terra-ar mas sem atribuir responsabilidades.

pressão e dá sinais de crescente impaciência perante as hesitações dos europeus e exigem medidas duras contra Moscovo.³⁸ A 30 de julho: Os EUA e a UE anunciam novas sanções contra Moscovo vetando a exportação de tecnologias sensíveis e atingindo diretamente os setores do petróleo e da defesa russos.

Em Kiev, Porochenko reforça a sua base de poder. O presidente ucraniano dissolve o Parlamento e convoca eleições para 26 de outubro com o objetivo de expurgar a Rada dos deputados ainda ligados ao regime de Ianukovitch. Nos dias seguintes vai assistir-se a uma verdadeira escalada da ofensiva das forças ucranianas.

Em meados de agosto forças de Kiev apertam o cerco aos dois últimos grandes bastiões separatistas. A 9, Luhansk está totalmente cercada. As forças ucranianas cortam as comunicações por estrada entre as duas cidades e procuram fechar as vias de reabastecimento dos rebeldes a partir da Rússia. Em Luhansk as tropas ucranianas entraram pela primeira vez no perímetro urbano, em Donetsk os combates chegam ao coração da cidade.

A situação dos rebeldes torna-se crítica. O levantamento popular que os separatistas esperavam não acontecera. Prova da situação desesperada a rebelião separatista sofre a 13 de agosto um duro golpe com a demissão de vários líderes e do comandante Igor Strelkov.

Donetsk e Luhansk são alvo de constantes bombardeamentos por parte das forças ucranianas. Áreas residenciais são pesadamente atingidas. Morrem centenas de civis e centenas de milhares procuram refúgio na Rússia ou noutras regiões da Ucrânia. Num lapso de duas semanas, o número de vítimas do conflito duplica subindo para 2600 mortos. A situação assume proporções de uma crise humanitária. Em Luhansk, falta água, luz, comunicações e outros bens essenciais.

Moscovo dá sinais crescentes de inquietação e apela a um cessar-fogo imediato. A 21 de agosto ao cabo de quase duas semanas de espera junto à fronteira ucraniana e desmentidos e contra desmentidos sobre o acordo de Kiev e a colaboração da Cruz Vermelha, uma centena de camiões russos passaram a fronteira sem autorização ucraniana.

Kiev clama que a ação russa constitui uma “invasão direta”. Rasmussen emite um comunicado acusando a Rússia de “violação da soberania da Ucrânia”, Bruxelas fala de uma “clara violação das fronteiras”.

Os dilemas de Putin

Na segunda semana de agosto o exército ucraniano lança uma operação para retomar a Ilovaisk, um ponto crucial para fechar por completo o cerco a Donetsk. Subitamente, quando controlam já parte da cidade, as forças ucranianas são atingidas por uma chuva de granadas de lança foguetes *Grad*. Segue-se uma dura batalha urbana. Os ucranianos acabaram por retirar com pesadas baixas.

Dias antes o novo “primeiro-ministro” da autoproclamada “República Popular do Donetsk”, Aleksander Zakhartchenko, anunciara publicamente que estavam a receber

³⁸ A agência *Bloomberg* garante que o vice-conselheiro de Segurança Nacional Anthony Blinken chamara dias antes os embaixadores europeus para lhes apresentar uma lista das sanções que Washington queria ver aprovadas.

apoio significativo em material e 1200 homens treinados em território russo. A indiscrição valeu-lhe uma reprimenda do Kremlin e obrigou-o a vir a público esclarecer que se tratava de voluntários.

A frente diplomática ativa-se subitamente. Porochenko e Putin encontram-se à margem da cimeira da União Alandegária a 25 de agosto em Minsk. As duas partes continuam a trocar acusações, mas é aprazado novo encontro para 1 de setembro.

Os separatistas abrem entretanto nova frente de guerra. No final de agosto conquistam Novoazovsk, a 20 quilómetros da fronteira com a Rússia e abrem caminho até ao Mar de Azov e à estrada que liga a cidade portuária de Mariupol à Crimeia. A 20 km da cidade. Em pouco mais de uma semana a situação militar inverte-se.

Há fortes reações do Ocidente. Angela Merkel fala num novo reforço das sanções à Rússia. Em Kiev, Porochenko acusa a Rússia de “agressão directa e aberta” contra a Ucrânia e pede aos Estados Unidos e à Europa ajuda militar urgente e um congelamento de todos os bens russos.

Moscovo continua a negar qualquer envolvimento direto nos combates no Leste da Ucrânia, mas os argumentos russos não resistem à evidência dos factos no terreno. No final de agosto Kiev exhibe um vídeo mostrando paraquedistas russos capturados perto de Ilovaisk.

Putin evitou, até onde conseguiu, o envolvimento direto no conflito. O objetivo seria ganhar tempo e negociar com Porochenko um *modus vivendi* que satisfizesse os interesses básicos de Moscovo – a garantia da não adesão à NATO e a federalização do país. A eminência de um colapso militar dos rebeldes ameaçava deitar tudo a perder.

A reintegração da Crimeia na Rússia valeram-lhe uma cota de popularidade acima dos 80 por cento, mas, para além do isolamento externo, a situação comporta vários riscos no plano doméstico. No final de agosto surgiram as primeiras notícias de mortos entre os recrutas russos na Ucrânia e o ambiente na Rússia arrisca-se a mudar.³⁹ A população russa tem pesadas memórias da morte dos seus filhos no Afeganistão e na Chechénia. E o impacto das sanções económicas do Ocidente vai já gerando algum alarme entre as elites do *business* em Moscovo.

Fora de controlo

A NATO denuncia em termos duros a intervenção russa. A 26 de agosto, Rasmussen acusa a Rússia de “atacar” a Ucrânia e anunciou que NATO vai debater a criação de bases permanentes no Leste da Europa e um plano de apoio à modernização das Forças Armadas ucranianas.⁴⁰

³⁹ Uma sondagem da Public Opinion Foudation (FOM), tida como próxima do Kremlin, mostra que se 57 por cento dos russos aprovam o apoio aos rebeldes apenas cinco por cento seriam a favor de uma invasão declarada e apenas nove aplaudem entrega de armas aos separatistas (*Spiegel* de 2 de Setembro 2014).

⁴⁰ A questão das bases permanentes (actualmente existe apenas uma na Polónia) dividem os aliados. Washington e Londres defendem a medida, mas a França, a Espanha e a Itália têm-se manifestado contra e a Alemanha mostra-se dividida.

A 1 de setembro a NATO anuncia a criação de uma nova força de reação de 4000 homens com capacidade de se deslocar para a Polónia ou para os Estados do Báltico, em 48 horas, descrita por Rasmussen como uma espécie de “ponta de lança” da presença militar da NATO no Leste.⁴¹

Kiev procura dramatizar ao máximo a situação. Arseni Iatseniuk repete que o seu país está “em guerra” e que o objetivo de Putin é “tomar toda a Ucrânia”. O ministro da Defesa Valeri Heletei diz mesmo que a NATO está a fornecer armas à Ucrânia e que ‘não se pode excluir no futuro’ o restabelecimento do arsenal nuclear ucraniano.⁴²

A pressão de Kiev reabre mesmo a questão da integração da Ucrânia. A 29 de agosto Iatseniuk garante que vai fazer tudo para ver o país como membro de pleno direito da Aliança. Rasmussen responde que as portas da NATO continuam abertas e que nenhum estado alheio “tem poder para vetar” a adesão de um novo membro.

Putin reagiu com um seco “não se metam com a Rússia” e recordou que o seu país “é uma das maiores potências nucleares” durante um encontro com jovens estudantes em Moscovo e anunciou um reforço do poder de dissuasão nuclear russo. O Kremlin anuncia uma revisão da doutrina militar da Federação Russa para responder à “ameaça” da NATO.⁴³

A 4 de setembro a cimeira atlântica de Cardiff ratifica as iniciativas militares da NATO e repete que a Aliança “está ao lado da Ucrânia” e reitera as garantias de segurança dadas aos seus membros da Europa Central e do Báltico⁴⁴. Entre os aliados há ainda assim quem considere insuficientes as medidas aprovadas.⁴⁵

A própria Alemanha vê-se submetida a forte pressão. Meses de “diplomacia telefónica” entre Angela Merkel e Vladimir Putin não produziu resultados e entre os aliados fala-se já de um “nível 4” de sanções incluindo a denúncia dos compromissos assumidos pela NATO perante a Rússia (Spiegel, 1 de Setembro).⁴⁶

Bruxelas e Washington anunciam entretanto um novo pacote de sanções contra a Rússia endurecendo as medidas aprovadas em julho e visando em particular o sistema

⁴¹ Os planos da NATO levantam questões de vária ordem, e em particular a questão da partilha do fardo da defesa. O comunicado da cimeira de Gales recorda que apenas cumprem objectivo de gastar dois por cento do PIB na defesa e Obama e Cameron apelaram a que outros Estados se esforcem para chegar ao mesmo nível.

⁴² Responsáveis da NATO desmentiram repetindo que a Aliança não tenciona fornecer meios letais à Ucrânia, mas admitindo que membros individuais o possam fazer. A Polónia desmentiu também o fornecimento de armas à Ucrânia e as acusações do Kremlin de que estaria a treinar as forças ucranianas.

⁴³ A revisão do conceito estratégico militar russo operada em 2000 sob o impacto do ataque da NATO à Sérvia e ratificado em Março de 2007 pelo Conselho de Segurança da Rússia e a nova “Doutrina Militar” assinada por Dmitri Medvedev a 5 de Fevereiro de 2008 identifica já como a primeira das “ameaças externas” à Rússia a expansão das “infra-estruturas militares dos países-membros da NATO”, aproximando-as “das fronteiras da Federação Russa” e a “tendência para atribuir ao potencial de força da NATO funções globais, em violação do direito internacional”.

⁴⁴ Numa reação à cimeira da NATO Putin acusou a NATO de estar a usar a crise ucraniana para reforçar a sua presença no Leste e pressionar diretamente a Rússia e para “se ressuscitar a si própria”.

⁴⁵ Os Estados do Báltico defendem que o planeado sistema de defesa antimísseis deverá ser também dirigido contra a Rússia. A maioria dos membros da NATO, incluindo a Alemanha opõem-se dizendo que a NATO prometera a Moscovo que o sistema não seria dirigido contra a Rússia.

⁴⁶ Pela primeira vez neste conflito em Agosto o governo alemão foi obrigado em vésperas da cimeira da NATO a recuar numa das suas posições tendo que ceder a Polónia e os Bálticos pediram que as resoluções para um aumento acrescido da NATO nos seus territórios não expirem automaticamente após um ano.

bancário o acesso de empresas russas aos mercados financeiros, a exportação de material tecnológico para o sector energético e da defesa.

A 29 de Agosto Berlim lança o alerta: a crise no Leste da Ucrânia está a “ficar fora de controlo”.

Trégua sangrenta

A 1 de setembro representantes diplomáticos russos e ucranianos e da OSCE reuniram-se em Minsk. Os dois lados continuam a trocar acusações mas emitem ao mesmo tempo sinais de compromisso.

Kiev vê-se perante a iminência de uma derrota militar. Um cessar-fogo dá a Porochenko tempo para consolidar o seu regime e reformar o dispositivo militar ucraniano. Para Putin é uma oportunidade de evitar comprometedoras baixas de tropas russas na Ucrânia e consolidar as posições dos rebeldes, de pressionar Kiev e de testar a decisão ocidental de impor novas sanções. Dois dias depois os dois presidentes voltam a falar ao telefone. A 5 de setembro é finalmente anunciado um cessar-fogo.

Aprovadas as novas sanções contra a Rússia a 8 de setembro, Bruxelas abre um compasso de espera na entrada em vigor das novas medidas e vários dirigentes europeus insistem no adiamento das sanções até se avaliar o cumprimento do cessar-fogo de 5 de setembro. A política de punição da Rússia é já abertamente contestada em Estrasburgo. Deputados italianos apelaram ao “fim das sanções contra a Rússia” apontando as dificuldades de muitas empresas italianas.⁴⁷

Ao mesmo tempo que se empenha no cessar-fogo e numa solução política para o problema do Leste da Ucrânia, Porochenko desloca-se a 18 de setembro a Washington para pedir assistência militar e reclamar um “estatuto especial” que garanta a proteção de facto da NATO. Barack Obama prometeu um reforço a assistência militar americana mas repetiu que o apoio incluirá apenas equipamento não letal.

Dias depois, numa intervenção perante a Assembleia Geral das Nações Unidas, Barack Obama admite mesmo levantar as sanções à Rússia se Moscovo optar pela “via da paz e da diplomacia”.

Apesar das violações diárias do cessar-fogo, os 12 pontos do acordo começam a ser cumpridos. A troca de prisioneiros avança rapidamente.⁴⁸ A 16 de setembro, o Parlamento ucraniano aprova um decreto que confere um estatuto especial de autonomia às regiões controladas pelas autoproclamadas repúblicas de Donetsk e Luhansk e uma amnistia para

⁴⁷ Na delicada questão do gás natural desenham-se igualmente compromissos. Moscovo fechou a torneira do gás à Ucrânia em Junho invocando dívidas em atraso e a questão assumia particular urgência com a aproximação Inverno, tanto mais que a Hungria decidiu pôr termo à política de reexportar gás para Kiev apesar das críticas dos parceiros europeus. Negociações no final de Setembro permitiram esboçar um acordo com base no reescalonamento da dívida Ucrânia de modo a restabelecer o abastecimento de gás russo.

⁴⁸ ? O acordo de cessar-fogo de Minsk estipula que as duas partes retirarão as suas armas pesadas para uma distância de 15 km da linha de contacto, interditarão o espaço aéreo sobre as zonas em disputa, decretam a retirada dos “mercenários estrangeiros” das duas partes e aprova uma missão de monitorização da OSCE.

os que participaram nos combates.⁴⁹ Moscovo aplaude o documento como “um passo na direcção certa”.

O problema político continua porém a manter-se. Andrei Purgin, “vice-primeiro ministro” da autoproclamada República Popular do Donetsk rejeita a autonomia oferecido por Kiev. Entre os rebeldes há quem veja o acordo como uma concessão e nos sites separatistas fala-se de “traição”.

Continua igualmente por resolver a questão territorial. Os separatistas reivindicam a totalidade da área das províncias de Donetsk e Luhansk e Kiev reconhece apenas as áreas controladas de facto pelos separatistas.

A partir do final de setembro os incidentes armados multiplicam-se de novo. Os bombardeamentos regressam a Donetsk apesar do acordo de retirada das armas pesadas.⁵⁰ A 15, os combates fazem pelo menos seis mortos civis em Donetsk. O cessar-fogo está por um fio. Nova reunião de emergência em Minsk tenta pôr termo às violações.

Multiplicam-se ao mesmo tempo sinais de divisões internas na Ucrânia. A autonomia concedida às regiões controladas pelos separatistas foi denunciada como “capitulação” por deputados em Kiev. Iulia Timochenko, já em pré-campanha eleitoral, alertou que o leste da Ucrânia passará a estar controlado “pelo exército russo” e por “terroristas financiados e apoiados” por Putin.

No Leste da Ucrânia os incidentes armados multiplicam-se. O assalto dos separatistas ao aeroporto de Donetsk no início de outubro e os bombardeamentos ucranianos contra a cidade mostram que nenhum dos beligerantes desistiu dos seus objetivos. Em meados de novembro, oito semanas depois do cessar-fogo de Minsk, as violações contínuas da trégua tinham feito um milhar de mortos.

As eleições promovidas pelos separatistas em Donetsk e Luhansk tornam cada vez mais problemática qualquer hipótese de diálogo entre Kiev e o Leste. No terreno multiplicam-se sinais de que se caminha de facto para um congelamento de posições. Porochenko disse a 27 de setembro que está a ser edificada uma linha defensiva em volta do território controlado pelos rebeldes. O governador da região de Dnipropetrovsk, a oeste de Donetsk, Boris Filatov fala de um “cenário Somália” apontando o risco do aumento do banditismo e de grupos armados na região (Economist, 24 de setembro).

Horizontes carregados

A 16 de setembro o Parlamento de Kiev ratifica o acordo de associação com a União Europeia (AA/DCFTA, na designação oficial) numa cerimónia de grande pompa realizada em simultâneo com a ratificação do documento no Parlamento Europeu.

É o regressado ao ponto zero, ao mesmo acordo que Ianukovitch rejeitara

⁴⁹ Na prática o documento entrega o poder aos separatistas durante um período de transição de três anos e autoriza-os a estabelecerem uma “cooperação transfronteiriça” com regiões da Rússia e garante a liberdade de uso e aprendizagem da língua russa.

⁵⁰ Duas semanas depois do cessar-fogo, o general Philip Breedlove, comandante da NATO na Europa, diz que o cessar-fogo “só existe no papel” e que as trocas de fogo são tão intensas como antes. A NATO diz que observou uma retirada “significativa” de forças russas, mas que se mantêm tropas no terreno, sobretudo forças especiais.

desencadeando a revolta dos ucranianos – observaram muitos analistas. Na realidade, a situação era agora outra, e o acordo tem hoje um alcance diferente.

As provisões de comércio entre as duas partes são adiadas pelo menos até 2016. A decisão foi tomada na sequência de negociações entre a Comissão Europeia e representantes da Rússia e da Ucrânia e foi visto como uma significativa concessão a Moscovo.⁵¹ Apesar das proclamações solenes em Kiev e Bruxelas o acordo está claramente desvalorizado e oferece uma significativa margem de manobra a Moscovo.⁵² A situação não deixa de ilustrar, um ano depois, os equívocos e as incógnitas desta crise ucraniana.

Putin perdeu a batalha para levar a Ucrânia para a União Eurasiática, vendo assim escapar a Moscovo assim uma peça fundamental nos esforços para reconstruir uma área de forte influência russa no espaço da antiga URSS. Manteve em contrapartida *manu militari*, a capacidade de manter refém política e militarmente a Ucrânia e de condicionar as suas opções externas, mas com um preço elevado. A Rússia perdeu provavelmente por muito tempo na Ucrânia um aliado com uma história e muitos interesses comuns.

Porochenko celebrou o acordo de associação com a Europa como “o primeiro passo” para a plena integração da Ucrânia e declarou que se sentia já “um membro de parte inteira da família europeia”. Arrisca-se a alimentar os equívocos sobre o alcance do acordo que se mantêm desde o início da crise e a gerar falsas expectativas na população.

Ao problema do separatismo no Leste junta-se a incerteza política. As legislativas de 26 de outubro e o forte apoio de Washington e de outras capitais ocidentais terão permitido estabilizar para já a cena política em Kiev mas num quadro eminentemente conjuntural e que deixa de fora largos setores da sociedade ucraniana. Salvaguardada a “opção europeia” as aspirações que levaram os ucranianos à Maidan há um ano continuam sem resposta.

Uma vez passado o estado de graça da luta contra a Rússia, o líder ucraniano terá pela frente o enorme desafio de estabilizar politicamente a Ucrânia e de impedir que as rivalidades entre as diversas fações que disputam o poder em Kiev entrem de novo em confronto.

Conclusão

Num ensaio de conclusão necessariamente provisório a crise ucraniana inscreve-se na longa disputa entre a implantação da esfera de influência americana e a expansão da NATO a Leste os esforços de Moscovo desde 1993 para reafirmar a esfera de influência da Rússia no espaço da defunta URSS e surge na sequência de episódios como a Revolução Laranja ou a guerra russo-georgiana de 2008.

O Secretário-geral da NATO emitiu em vésperas da cimeira de Cardiff um novo sinal de apoio à adesão da Geórgia e da Moldávia, dois países que acabam de assinar acordos

⁵¹ Antes da conversa a sós com Porochenko em Minsk a 26 de Agosto Putin voltou a alertar a Ucrânia para uma inevitável “retaliação económica” para “protecção do nosso mercado” caso se consuma o aprofundamento da ligação à UE.

⁵² James Sherr, do think-tank Chatham House observou que, face à imprevisibilidade da situação na Ucrânia, “é de duvidar que o DCFTA alguma vez venha a entrar em vigor.” (BBC, 17 de Setembro)

de associação com a UE e que estão em confronto com Moscovo por causa das regiões separatistas da Transnístria, da Abecásia e da Ossétia. A 20 de novembro, Putin defendeu no Conselho de Segurança da Rússia, medidas urgentes para prevenir a ameaça da eclosão de novas “revoluções coloridas”, inclusive na própria Rússia.

A crise da Ucrânia veio de algum modo por pôr a nu os equívocos da ordem euro-atlântica no pós-guerra fria (Sarotte, 2009). Colocou ao mesmo tempo à prova as relações transatlânticas revelando as diferenças na abordagem da questão entre os dois lados do Atlântico e particularmente a agenda e os interesses específicos da Alemanha nas relações com a Rússia e levou, uma vez mais, a um toque de reunir por parte de Washington. A crispação em torno da Ucrânia teve para já o efeito de neutralizar uma vez mais aquilo que surge como a maior ameaça à ordem do pós-guerra fria – a eventualidade de uma aproximação entre a Rússia e a Europa.

Referências Bibliográficas

- Brzezinski, Zbigniew (1997), *The grand chessboard*, Basic Books, New York.
- Clark, Jan (2006), *The Post-Cold War Order. The Spoils of Peace*, Oxford University Press, Oxford-New York.
- Freedman, Lawrence, “Ukraine and the Art of Crisis Management”, *Survival*, vol. 56 no. 3, June–July 2014, pp. 7–42.
- Friedman, George (2013), “Geopolitical Journey, Part 6: Ukraine”, *Stratfor*, 17 de Dezembro de 2013. Disponível em: http://www.stratfor.com/weekly/20101129_geopolitical_journey_part_6_ukraine?utm_source=GJourney&utm_medium=email&utm_campaign=101130&utm_content=readmore&elq=b6349894ba7d4139a75a1763a3b0a433. [7 de Março de 2014].
- Lukin, Alexander, “Eurasian Integration and the Clash of Values”, *Survival*, vol. 56 no. 3, June–July 2014, pp. 43–60.
- Motyl, Aleksander (1993) *Dilemmas of Independence: Ukraine after Totalitarianism*, Council of Foreign Relations Press, Nova Iorque.
- Motyl, Alexander e Bohdan Krawchenko (1997), “From empire to statehood”, in Bremmer, Ian e Ray Taras (1997), *New States new Politics Building the Post Soviet Nations*, Cambridge University Press, pp 235-266.
- Neil MacFarlane and Anand Menon “The EU and Ukraine”, *Survival*, vol. 56 no. 3, June–July 2014, pp. 95–101.
- Pliouchtch, Leonid (1993), *Ukraine: à nous l’Europe*, Ed. Du Rocher, Paris.
- Sarotte, Mary Elise (2009), *The Struggle to Create Post–Cold War Europe*, Princeton University Press, Princeton-Oxford.
- Simes, Dimitri K. “Losing Russia: the costs of renewed confrontation” *Foreign Affairs*, Council on Foreign Relations. - New York, Vol. 86, Nº 6, Novembro-Dezembro de 2007.

- Steele, Jonathan (2013) "Ukraine Protests are not about a yearning for European Values", *The Guardian*, 12 de Dezembro.
- Subtelny, Ores (1994) *Ukraine, a History*, 2nd ed. University of Toronto Press, Toronto, 1994.
- Yekelchik, Serhy (2007) *Ukraine: Birth of a Modern Nation*, Oxford University Press, Oxford.
- "A Somalia scenario?", *The Economist*, 24 de Setembro de 2014, acessível em <http://www.economist.com/news/europe/21620266-neighbouring-regions-worry-about-donbas-becoming-largely-ungoverned-swathe-land-somalia>.
- "In Ukraine, fascists, oligarchs and western expansion are at the heart of the crisis", *The Guardian*, 29 de Janeiro de 2014.
- "The Clash in Crimea is the fruit of western expansion", *The Guardian*, 5 de Março de 2014.
- "Ukraine and the West: Hot Air and Hypocrisy", *The Guardian*, 10 de Março de 2014.
- "The Tragedy of MH17: Attack Could Mark Turning Point in Ukraine Conflict", *Der Spiegel*, 21 de Julho de 2014, acessível em <http://www.spiegel.de/international/world/a-deadly-error-with-global-consequences-shooting-down-flight-mf17-a-982114.html>.

